

José Manuel Sá da Silva

O impacto do consumo de pornografia nas relações de intimidade: Uma
revisão teórica/ The impact of pornography use in intimate relationships:

A theoretical revision

março, 2018

José Manuel Sá da Silva

O impacto do consumo de pornografia nas relações de intimidade: Uma
revisão teórica/ The impact of pornography use in intimate relationships:

A theoretical revision

Mestrado Integrado em Medicina

Área: Psiquiatria

Tipologia: Monografia

Trabalho efetuado sob a Orientação de:
Doutor Manuel António Fernandez Esteves

Trabalho organizado de acordo com as normas da revista:
Revista de Psiquiatria do Centro Hospitalar Psiquiátrico de
Lisboa

março, 2018

FMUP

Eu, José Manuel Sá da Silva, abaixo assinado, nº mecanográfico 201202285, estudante do 6º ano do Ciclo de Estudos Integrado em Medicina, na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, declaro ter atuado com absoluta integridade na elaboração deste projeto de opção.

Neste sentido, confirmo que **NÃO** incorri em plágio (ato pelo qual um indivíduo, mesmo por omissão, assume a autoria de um determinado trabalho intelectual, ou partes dele). Mais declaro que todas as frases que retirei de trabalhos anteriores pertencentes a outros autores, foram referenciadas, ou redigidas com novas palavras, tendo colocado, neste caso, a citação da fonte bibliográfica.

Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 12/ 03/ 2018

Assinatura conforme cartão de identificação:

José Silva

NOME

José Manuel Sá da Silva

NÚMERO DE ESTUDANTE

201202285

E-MAIL

jose.msas.silva@gmail.com

DESIGNAÇÃO DA ÁREA DO PROJECTO

Psiquiatria

TÍTULO DISSERTAÇÃO/MONOGRAFIA (riscar o que não interessa)

O impacto do consumo de pornografia nas relações de intimidade: Uma revisão teórica / The impact of pornography use in intimate relationships: A theoretical revision

ORIENTADOR

Manuel António Fernandez Esteves

COORDINADOR (se aplicável)

ASSINALE APENAS UMA DAS OPÇÕES:

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.	<input checked="" type="checkbox"/>
É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TRABALHO (INDICAR, CASO TAL SEJA NECESSÁRIO, Nº MÁXIMO DE PÁGINAS, ILUSTRAÇÕES, GRÁFICOS, ETC.) APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.	<input type="checkbox"/>
DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, (INDICAR, CASO TAL SEJA NECESSÁRIO, Nº MÁXIMO DE PÁGINAS, ILUSTRAÇÕES, GRÁFICOS, ETC.) NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TRABALHO.	<input type="checkbox"/>

Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 12/03/2018

Assinatura conforme cartão de identificação:

José Silva

O IMPACTO DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE: UMA REVISÃO TEÓRICA

THE IMPACT OF PORNOGRAPHY USE IN INTIMATE RELATIONSHIPS: A THEORETICAL REVISION

Autores:

José Manuel Sá da Silva

- Aluno do ciclo de estudos integrado, conducente ao grau de mestre em medicina, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Manuel António Fernandez Esteves

- Médico especialista em Psiquiatria do Centro Hospitalar de São João do Porto e Professor associado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Correspondência para o autor José Silva:
Morada: Rua Sítio da Cruz, nº71 – ESPOSENDE
E-mail: jose.msas.silva@gmail.com

O IMPACTO DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE: UMA REVISÃO TEÓRICA

Resumo

Referencial teórico: o consumo de pornografia tem-se tornado cada vez mais prevalente no mundo industrializado, devido a um acesso cada vez mais fácil e de menor compromisso. Evidencia-se, assim, uma potencial integração da pornografia no estilo de vida ocidental que pode ter consequências, positivas ou negativas, ao nível da saúde sexual dos indivíduos e, consequentemente, nas suas relações de intimidade.

Objectivos: clarificar as conclusões existentes na literatura acerca dos efeitos que o consumo de pornografia tem nas relações de intimidade e comparar indicadores da qualidade das relações, entre aqueles que consomem e aqueles que não consomem, ou entre os que consomem mais e os que consomem menos.

Métodos: utilizando a pubmed como fonte de dados, foi feita uma pesquisa dos artigos que avaliassem ligações entre pornografia e relações de intimidade. Artigos adicionais foram identificados em bibliografias e acrescentados à revisão. A leitura de resumos e textos completos permitiu a inclusão de apenas aqueles que evidenciavam alguma associação visível entre consumo de pornografia e efeitos desse consumo nas relações de intimidade.

Resultados e conclusões: há alguns resultados contraditórios em relação aos efeitos da pornografia nas relações. Porém, a maioria dos resultados parece apontar no mesmo sentido quando são considerados os factores e contextos associados ao consumo da pornografia: um consumo frequente, um consumo solitário e um consumo pelo homem são prejudiciais à relação; um consumo pela mulher é mais benéfico do que prejudicial à relação; um consumo pelos dois membros do casal em conjunto é benéfico à relação.

Abstract

Background: pornography use has become increasingly prevalent in developed regions, due to a less compromising and increasingly easier access. This makes it possible for pornography to be potentially integrated in the occidental lifestyles, which might have its consequences, positive or negative, on the sexual health of consumers and, consequentially, on their intimate relationships.

Objectives: to clarify the existing conclusions on the scientific literature about the effects that the consumption of pornography has on intimate relationships and to compare relationship quality indicators between those who use pornography and those who don't, or between those who use more and those who use less.

Methods: using pubmed as database, a research of the scientific papers that evaluated the connections between pornography and intimate relationships was made. Additional papers were identified in references and added to this review. The reading of abstracts and full texts allowed the inclusion of only those which have evidenced some actual association between pornography consumption and the effects of that consumption on intimate relationships.

Results and conclusion: there are some contradictory results about pornography effects on relationships. However, most of the results seems to point in the same direction when the factors and contexts associated to the use of pornography are considered: a frequent use, a solitary use and the use by the male partner are detrimental to the relationship; the use by the female partner is more beneficial than harmful to the relationship; the use by both partners together is beneficial to the relationship.

Índice

INTRODUÇÃO	4
A pornografia nos dias de hoje	4
Efeitos negativos da pornografia na relação	4
Efeitos positivos da pornografia na relação.....	4
Diferenças entre homens e mulheres no consumo de pornografia	5
Satisfação relacional	6
OBJECTIVOS.....	7
Objectivo e estrutura da revisão.....	7
MATERIAL E MÉTODOS	8
RESULTADOS E DISCUSSÃO	9
Revisão dos problemas metodológicos da investigação	9
Consequências negativas do uso frequente de pornografia	10
Uso de pornografia pelo casal	11
Uso solitário de pornografia	11
Uso solitário pelo homem.....	12
Uso solitário pela mulher.....	13
Contexto e razões do uso pelo homem e pela mulher	14
Mediadores testados	14
Moderadores/influenciadores da associação pornografia-relação de intimidade	15
Utilização de pornografia dentro da relação de intimidade.....	16
Aceitação da pornografia na relação de intimidade.....	17
Pornografia e dificuldade em formar relações	17
Pornografia e religião na relação de intimidade.....	18
Pornografia e violência na relação de intimidade	18
CONCLUSÃO	20
Conflitos de interesse e financiamento	21
Bibliografia	22

INTRODUÇÃO

A pornografia nos dias de hoje

A pornografia é, hoje, uma parte indelével da internet. Em 2010, cerca de 4% dos sites na internet eram sites pornográficos; entre 2009 e 2010, cerca de 13% das pesquisas feitas na internet eram relacionadas com pornografia [1]. O uso de pornografia tem-se generalizado cada vez mais, algo que se deve à crescente facilidade de acesso, aos cada vez mais diminutos custos monetários desse acesso e ao anonimato do consumo - aquilo que A. Cooper [2] descreve como “Triple A engine” (Available, affordable, and anonymous). As estas três características, Harper e Hodgins [3] juntam uma quarta – a novidade inesgotável do material pornográfico disponível na internet. Desde a criação dos smartphones o acesso à internet tornou-se possível em qualquer lugar [4]. A pornografia tornou-se, assim, parte do estilo de vida contemporâneo [5], não sendo de admirar se os seus efeitos (positivos ou negativos) se começarem a tornar cada vez mais evidentes e prevalentes.

Efeitos negativos da pornografia na relação

O consumo de pornografia foi associado a várias alterações negativas na saúde e sexualidade humanas, desde problemas nas relações pessoais, depressão e falta de motivação [6, 7], a disfunções sexuais e orgásmicas [8], perda de interesse sexual num parceiro real e perda de interesse no parceiro romântico [9]. Muitos estudos revelaram que o uso de pornografia se associa negativamente com a estabilidade e qualidade da relação de intimidade, tanto em casais a namorar, a coabitar ou casados [10-12].

O impacto da pornografia na satisfação relacional pode relacionar-se com a forma como é descoberto o uso de pornografia por um parceiro, com a percepção de que o uso excessivo do parceiro é uma ameaça à relação [13] e com os sentimentos negativos suscitados por esse uso, principalmente nas mulheres [14]. O consumo de pornografia por um indivíduo pode levar também a uma menor satisfação com o seu parceiro íntimo [15].

O uso de pornografia associa-se ainda a um nível menor de compromisso para com o parceiro [16] e a um nível menor de satisfação sexual [17]. Para além destas associações negativas, um dos maiores preditores do uso de pornografia na internet é a falta de felicidade no casamento [18]. Pode isto indicar que o uso de pornografia é, de alguma forma, incompatível com relações saudáveis.

Efeitos positivos da pornografia na relação

As consequências positivas do consumo de pornografia também existem e são reveladas por vários estudos, denotando-se, aqui, a discrepância dos resultados com efeitos positivos e com efeitos negativos que existe na literatura.

Estudos sugerem que vários factores do casal estão implicados. Pode ser a diferença no consumo de pornografia entre os membros dum mesmo casal que afecta negativamente a relação [17, 19]. Pode

ser somente o consumo isolado e não integrado na relação do casal que leva a prejuízos na relação uma vez que quando as mulheres usam pornografia com o seu parceiro, a satisfação sexual e relacional aumenta [17]. A utilização conjunta de pornografia pelos dois membros do casal, com o objectivo de uma estimulação e gratificação sexual mútua, parece ser também benéfica para a relação de intimidade [11, 20]; Também quando a pornografia é usada pelos parceiros em conjunto, esse uso associa-se com um aumento na frequência de relações sexuais, com uma disposição para experimentar novos comportamentos sexuais e com menor aborrecimento sexual [21]; Os casais que vêem pornografia juntos reportam ainda uma maior facilidade em discutir desejos sexuais e fantasias com o parceiro [20]. No entanto, o uso de pornografia com este propósito é uma minoria dos casos, comparado à utilização solitária por um dos membros do casal, normalmente o homem [10, 11].

O nível de compromisso da relação pode também afectar o efeito da pornografia no casal. Segundo A. J. Bridges et al. [14], mulheres que apenas namoram com um parceiro que utiliza pornografia demonstram menos sentimentos de angústia ou sofrimento, e, como tal, mais satisfação com a relação, do que mulheres que estão casadas com um utilizador.

Diferenças entre homens e mulheres no consumo de pornografia

Os efeitos da pornografia na relação de intimidade revelam-se diferentes de acordo com o sexo do utilizador – são essencialmente negativos e têm maior magnitude quando é o homem que utiliza mas parecem ser positivos quando é a mulher a fazê-lo [9, 22, 23]

A principal razão das mulheres para a utilização de material pornográfico é como parte da relação romântica e sexual com o parceiro ou como resposta a pedidos do parceiro para tal; as mulheres aceitam mais a utilização e consideram-na mais positiva quando associada a uma actividade sexual partilhada. Já os homens usam material pornográfico primariamente para masturbação e têm uma satisfação sexual maior quando usam a pornografia sozinhos [22].

Enquanto que as mulheres preferem fantasias românticas e sentimentos de conexão e intimidade que não são fornecidos na sua maior parte pela pornografia, os homens procuram gatilhos gráficos rápidos como estímulo sexual, facilmente encontrados na pornografia. Isto é suportado por estudos de imagiologia cerebral que mostram as diferenças entre sexos na activação cerebral por um estímulo sexual [24, 25].

Alguns estudos mostram que os efeitos negativos da pornografia se limitam a materiais mais violentos e/ou degradantes [15, 23]. Pelo contrário, material erótico (isto é, material que retrata homem e mulher em igualdade e com foco no prazer sexual mútuo) associa-se com efeitos neutros ou positivos, incluindo respostas emocionais positivas em consumidores do sexo feminino [26]. Uma vez que homens e mulheres diferem no tipo de pornografia preferencial, com as mulheres a responderem negativamente ao material mais gráfico e violento mas positivamente a materiais eróticos [26], os efeitos negativos que surgem da utilização de pornografia podem ser devidos ao tipo e conteúdo do material pornográfico utilizado.

Satisfação relacional

A maioria dos estudos incluídos nesta revisão avalia o efeito da pornografia na relação através da medição da satisfação relacional. No entanto, utilizam muitas vezes definições de satisfação relacional diferentes entre si. Tentando aglomerar essas várias definições, pode-se dizer que a satisfação relacional representa a atitude subjectiva (satisfação) e a experiência afectiva na avaliação que o indivíduo faz da sua relação de intimidade. A percepção subjectiva de satisfação é um importante indicador da qualidade da relação com consequências na durabilidade da relação, uma vez que relações com menor satisfação têm maior risco de terminar [27].

OBJECTIVOS

Objectivo e estrutura da revisão

O principal objectivo desta revisão bibliográfica é analisar e tentar clarificar as conclusões existentes na literatura acerca dos efeitos que o consumo de pornografia tem nas relações de intimidade e comparar indicadores da qualidade das relações entre aqueles que consomem e aqueles que não consomem ou entre os que consomem mais e os que consomem menos.

Os resultados da revisão serão organizados de acordo com as principais conclusões que apontam, de modo a agrupar evidências que apontem no mesmo sentido e perceber a sua dimensão e qualidade. As limitações nesta área do conhecimento serão discutidas antes da apresentação dos principais resultados. Assim, serão expostos os seguintes temas:

- Revisão dos problemas metodológicos da investigação;
- Consequências negativas do uso frequente de pornografia
- Uso de pornografia pelo casal
- Uso solitário de pornografia
- Uso solitário pelo homem
- Uso solitário pela mulher
- Contexto e razões do uso pelo homem e pela mulher
- Mediadores testados
- Moderadores/influenciadores da associação pornografia-relação de intimidade
- Utilização de pornografia dentro da relação de intimidade
- Aceitação da pornografia na relação de intimidade;
- Pornografia e dificuldade em formar relações;
- Pornografia e religião na relação de intimidade;
- Pornografia e violência na relação de intimidade.

A presente revisão tentará, assim, agrupar os diferentes resultados, amiúde contraditórios, relaciona-los, e explica-los à luz da importância que o contexto do consumo de pornografia no seio da relação tem na moderação dos seus efeitos.

MATERIAL E MÉTODOS

Tendo em conta que esta revisão pretende essencialmente revisar a teoria sobre os efeitos que o consumo de pornografia tem nas relações de intimidade, os critérios de elegibilidade não foram restritos, de modo a abranger a informação necessária suficiente.

Utilizando a *PubMed* como fonte de dados, foi feita uma pesquisa de artigos que avaliassem associações entre pornografia e relações de intimidade, sem limites nas datas de publicação. A última data de pesquisa na base de dados foi o dia 16 de setembro de 2017. Os artigos foram pesquisados em inglês e os termos de pesquisa incluíram: “pornography & romantic relationship”; “pornography & intimate relationship”; “pornography & couple relationship”; “pornography & relationship satisfaction”; “pornography & divorce”. Após remoção dos artigos repetidos, 46 artigos resultaram desta pesquisa, para serem avaliados. Destes, 12 foram excluídos através da leitura do título e *abstract*, por não evidenciarem qualquer associação entre consumo de pornografia e efeitos desse consumo nas relações de intimidade. Dessa forma, 34 artigos foram lidos e revistos na sua integridade, sendo que 8 foram excluídos por não mostrarem associações directas ou evidenciáveis entre a pornografia e os índices de qualidade das relações de intimidade ou porque as relações estudadas eram inoportunas e irrelevantes no contexto desta revisão. Dois artigos adicionais foram identificados através da lista de referências de outros artigos e acrescentados à revisão. Desta forma, 28 foi o número total de artigos incluídos nesta revisão. (Fig. 1)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Revisão dos problemas metodológicos da investigação

As limitações e potenciais vieses nesta área da investigação existem e são reconhecidas pelos investigadores. Um trabalho de revisão feito por Campbell e Kohut [28], analisou o estado actual da literatura e realçou as principais limitações que dificultam a criação de conclusões coerentes e de evidência menos contraditória:

- As diferenças na definição de pornografia nos diferentes estudos;
- As limitações metodológicas;
- A suposição de diferenças entre sexos;
- As abordagens focadas nas consequências negativas;
- O recrutamento de indivíduos isolados em vez de ambos os parceiros do casal.

Partindo destas limitações os autores propõem métodos que facilitem uma abordagem mais universal no futuro, evitando as mesmas.

Em relação à definição de pornografia, defendendo que as representações mentais de pornografia são muito semelhantes entre indivíduos [29] é proposto que a definição “representações de nudez e comportamento sexual escritas, em formato de imagens ou audiovisual” seja a usada, adequando-se posteriormente a definição caso se pretenda investigar utilizações mais restritas de pornografia.

No contexto da metodologia, as diferenças nas medições do uso de pornografia, normalmente através de itens únicos, bem como as diferenças nas medições da frequência, tempo passado a usar, e meios de acesso, limitam a comparabilidade entre estudos. A padronização de uma definição de pornografia seria uma ajuda também neste aspecto.

Outra grande limitação metodológica é a suposição do uso de pornografia como um factor causal, não evidenciando a importância dos possíveis factores mediadores, moderadores e confundidores, bem como a suposição de que o uso de pornografia é maior nos homens que nas mulheres. É também frequentemente assumido que os homens utilizam pornografia sozinhos e focados na masturbação.

A focalização nas consequências negativas do uso de pornografia limita muito as conclusões, não concluindo nada à cerca dos efeitos positivos se não foram feitas medidas nesse âmbito.

Quanto à utilização de indivíduos em relações em vez do casal em conjunto, referem que as dinâmicas da relação não podem ser estudadas com base num só dos parceiros. Propõem que a investigação futura tenha em conta a utilização da pornografia por um ou pelos dois parceiros da relação, distinguindo se a utilização é feita em conjunto ou em separado, e os processos interpessoais que possam ser afectados.

Perry e Schleifer [30] referem adicionalmente como limitações: a selecção de conveniência de participantes já com problemas relacionais associados ao uso de pornografia; a diluição de resultados devido à análise conjunta de indivíduos em relações juntamente com indivíduos solteiros; o facto de a maioria dos estudos serem do tipo transversal (excluindo o estabelecimento de causalidade) a avaliarem

medidas subjectivas e auto-reportadas da qualidade da relação, em vez de medidas mais objectivas como o término da relação.

Consequências negativas do uso frequente de pornografia

Existem efeitos, quer positivos, quer negativos, do consumo de pornografia na relação de intimidade, que dependem de vários factores e contextos. Um desses factores mais importantes parece ser a frequência com que o consumo de pornografia é feito. Cerca de um terço dos estudos discutidos nesta revisão encontraram associações entre uma utilização frequente de pornografia e consequências negativas para a relação.

Uma elevada frequência de uso associa-se a uma menor satisfação relacional [31] e utilizadores com maior frequência de utilização mostraram valores mais baixos de satisfação relacional e intimidade que os utilizadores menos frequentes [32]. Morgan [33] descobriu que a frequência de utilização de material pornográfico é um predictor da satisfação sexual e relacional, sendo que à medida que aumenta a frequência, diminui a satisfação. Também o estudo de Staley e Prause [34], em que se pediu aos participantes para avaliarem a relação após serem expostos a filmes sexualmente explícitos, encontrou que quanto mais pornografia os participantes viam posteriormente ao estudo, mais provável era avaliarem pior a relação e o seu parceiro. Foi ainda confirmada a hipótese de a associação entre o consumo de pornografia e uma menor satisfação sexual ser curvilínea, isto é, verificou-se que quando a frequência de consumo atinge uma determinada frequência (uma vez por mês), a satisfação sexual começa a descer e a magnitude desse decréscimo torna-se maior com cada incremento adicional na frequência de consumo [35, 36]. O casamento, uma relação de intimidade mais específica, sofreu igualmente os efeitos do uso de pornografia - num estudo longitudinal, pessoas casadas que viam pornografia com mais frequência tinham um nível de qualidade conjugal significativamente inferior quando essa qualidade foi medida 6 anos depois, comparando às que viam menos frequentemente [37].

Alguns dos estudos também encontraram associações entre frequência de consumo e consequências negativas numa perspectiva de um uso frequente corresponder a um comportamento de dependência. Segundo Harper e Hodgins [3], quando a frequência de consumo começa a ser muito elevada, as medidas de dependência de pornografia aumentam e, por sua vez, altos valores nestas medidas estão associados a um menor funcionamento psicossocial que inclui, entre outras variáveis, a satisfação relacional. O estudo de Pyle e Bridges [31], que comparou o uso de pornografia ao uso de uma substância capaz de causar dependência, além da elevada frequência de uso, associou também a elevada ocultação do uso e a utilização quando o parceiro está presente a uma menor satisfação relacional e uma maior percepção do comportamento do parceiro como compulsivo ou dependência. Também um maior craving por pornografia e um maior uso desta predizem significativamente maior dificuldade na formação de uma relação de intimidade [38]. Por ultimo, indivíduos que usam mais frequentemente pornografia têm maior probabilidade de se percepcionarem como dependentes o que, por sua vez, se associa a uma maior ansiedade relacional [39].

Este conjunto de estudos parece apontar que, mais do que o uso de pornografia por si só, é um uso desregulado ou descontrolado, demonstrado na alta frequência de consumo, que se torna prejudicial à relação de intimidade.

Uso de pornografia pelo casal

Outro factor que se mostrou fulcral no modo como a pornografia impacta a relação de intimidade é o modo como o consumo de pornografia é feito, nomeadamente, sozinho ou acompanhado pelo parceiro. Quando este consumo é feito de forma conjunta pelos dois membros do casal, os resultados parecem apontar, na sua maioria, que esse tipo de consumo é mais benéfico à relação.

Comparando o uso individual de pornografia ao uso em conjunto pelos dois os membros da relação, foi demonstrado que a utilização em conjunto de material pornográfico pelo casal se associa com uma maior satisfação relacional no casal, comparada à utilização solitária [22] e que os utilizadores individuais demonstram menos intimidade na relação e menores níveis de compromisso que os participantes que utilizam pornografia com o parceiro [32]. Os indivíduos que reportam um uso mútuo de pornografia com o parceiro revelam níveis significativamente mais baixos de sentimentos de angústia na relação [40]. Também aqueles que utilizam materiais sexualmente explícitos apenas com o parceiro da relação reportam mais dedicação e mais satisfação sexual que os que utilizam materiais explícitos sozinhos. [17]. Foi ainda demonstrado que uma quantidade ligeira a moderada de actividades sexuais online (onde se inclui, em grande parte, a pornografia), quando praticadas com o parceiro da relação, têm benefícios na relação, tanto para o homem como para a mulher, aumentando a qualidade e frequência das relações sexuais e aumentando a intimidade e comunicação entre os parceiros o que, por sua vez, resulta numa satisfação sexual maior e numa relação entre os parceiros mais próxima [21].

Ainda no contexto do casal, o objectivo com que é feito o consumo é também relevante. Um estudo que pretendeu examinar os casais que utilizavam pornografia com o objectivo de melhorar a sua vida sexual determinou que os casais em que um dos parceiros ou ambos os parceiros usaram pornografia com esse objectivo tinham um maior clima de permissividade erótica, comparando com os casais que não usaram pornografia [20]. Também a diferença de utilização de pornografia entre o homem e a mulher do casal é de relevo, tendo sido demonstrado que menores diferenças entre os parceiros no uso de pornografia se associam a uma maior satisfação relacional, maior estabilidade da relação e mais comunicação positiva [19].

Dos estudos incluídos na revisão, nenhum encontrou piores resultados na utilização de pornografia pelo casal em conjunto quando comparada à utilização individual, ou mesmo quando avaliada sem comparação. Houve apenas um estudo que encontrou um resultado neutro, isto é, expondo directamente um membro de um casal a filmes com material explícito, não encontrou resultados diferentes aquando da presença ou ausência do parceiro da relação enquanto eram vistos os filmes, sugerindo que a influência da presença do parceiro é um factor complexo [34].

Uso solitário de pornografia

Sendo o consumo de pornografia pelo casal essencialmente benéfico, pelo contrário, o uso solitário parece ser mais prejudicial do que benéfico, mas neste caso, a associação é mais complexa pois depende de quem faz esse consumo (homem ou mulher) e qual o objectivo com que o faz. No entanto, no geral, o uso individual de pornografia mostrou ser mais desfavorável às relações de intimidade.

Utilizadores individuais de pornografia demonstram menor satisfação relacional, intimidade e níveis de compromisso que os não utilizadores e demonstram menor intimidade e níveis de compromisso que os participantes que utilizam pornografia com o parceiro [32]. Também indivíduos que nunca utilizaram materiais sexualmente explícitos mostram uma maior qualidade da relação de intimidade na comunicação, na dedicação, na satisfação sexual e na fidelidade, que os utilizadores solitários e aqueles que utilizaram materiais explícitos apenas com o parceiro da relação reportam mais dedicação e mais satisfação sexual, comparando aos que utilizaram materiais pornográficos sozinhos [17]. No que toca a problemas no seio da relação, casais em que apenas um dos parceiros da relação utilizou pornografia, demonstraram mais problemas relacionados com a excitação (nos homens) e com sentimentos de auto-percepção negativos (na mulher) [20]. Wright et al. [35] testaram ainda a associação entre o consumo individual de pornografia e uma menor satisfação sexual tendo encontrado que, a partir de uma determinada frequência desse consumo individual, a satisfação sexual começa a descer.

Uso solitário pelo homem

Como foi dito, o efeito do consumo solitário na relação de intimidade é influenciado por quem o pratica. Os resultados parecem apontar que quando é o homem que consome sozinho, os resultados são piores do que quando é a mulher ou do que quando esse consumo é feito em conjunto.

Uma maior frequência de consumo de material pornográfico pelo homem associa-se a uma menor satisfação sexual e relacional no próprio, o que pode estar relacionado com a razão maioritariamente reportada para a sua utilização desse material, nomeadamente, para masturbação [22]. Brown et al. [41] mostraram igualmente que, no homem, o uso individual de pornografia está negativamente associado com a sua própria satisfação sexual. O estudo de Poulsen et al. [9] mostrou também que a utilização de pornografia pelo homem se associa significativa e negativamente com a qualidade sexual quer do próprio, quer da parceira, e esta menor qualidade sexual, por sua vez, associa-se significativamente a uma menor satisfação relacional.

Tendo sido já estabelecido que, a partir de uma determinada frequência de consumo individual de pornografia, a satisfação sexual começa a descer, Wright e Bridges [36] descobriram que o decréscimo na satisfação sexual com aumentos adicionais na frequência de consumo é mais acentuado nos homens do que nas mulheres, ou seja, o efeito negativo é mais marcado quando se trata do uso de pornografia pelos homens.

Willoughby et al. [19] mostraram ainda que uma maior diferença entre os parceiros de um casal no uso de pornografia se associa a uma menor satisfação relacional, menor estabilidade da relação e menos comunicação positiva. No entanto, as diferenças no uso de pornografia revelaram-se ser, na maioria dos casos (95%), diferenças em que o homem utilizava mais pornografia do que a mulher, tendo-se observado que a associação entre o uso de pornografia e as consequências negativas existia de forma significativa nos homens, mas nas mulheres não. Isto sugere que as diferenças no consumo de pornografia entre os membros do casal trazem consequências negativas porque representam um consumo masculino maior, sendo este o responsável pelos efeitos negativos, e não necessariamente as diferenças de consumos entre parceiros.

No que toca ao casamento, o estudo longitudinal de Perry [37] que mostrou que pessoas casadas que viam pornografia com mais frequência no início do estudo tiveram um nível de qualidade conjugal significativamente inferior 6 anos depois, no final do estudo. A análise dos factores de interacção revelou que o efeito negativo do uso de pornografia na qualidade conjugal só se verificou quando este uso era feito pelos homens e não quando era feito pelas mulheres.

É de referir que, sendo um uso mais frequente e um uso mais solitário de pornografia causadores de maior malefício à relação de intimidade, o efeito maioritariamente negativo observado no consumo de pornografia pelos homens pode ser devido ao facto de esse consumo ser também mais frequente e ser mais vezes solitário, quando comparado ao consumo das mulheres [17, 22, 42].

Uso solitário pela mulher

Já o uso solitário de pornografia pelas mulheres, além de menos prejudicial, comparado ao dos homens, parece, o próprio uso, ter também efeitos positivos para a relação. Porém, a relação entre o consumo pela mulher e as consequências positivas é mais complexa.

Poulsen et al. [9] mostraram que a utilização de pornografia pela mulher se associa significativa e positivamente com a qualidade sexual da própria que, por sua vez, se associa positiva e significativamente à satisfação relacional. Os investigadores analisaram, posteriormente, o perfil de utilização da mulher (utiliza mais acompanhada do que sozinha) que se revelou como mediador entre o uso de pornografia e a melhor qualidade sexual. Ou seja, parece ser o uso da pornografia pela mulher acompanhada do seu parceiro, isto é, do casal em conjunto, o que leva a uma maior qualidade sexual, e não necessariamente o uso da mulher por si só.

No estudo de Bridges e Morokoff [22], revelou-se que uma maior frequência de consumo de pornografia pela mulher se associa a uma maior satisfação sexual e relacional no homem do casal, mas não na própria. Isto teria alguma relação com os motivos reportadas pela mulher para a utilização do material pornográfico e que foram, essencialmente, a utilização da pornografia como uma parte da relação amorosa e sexual com o parceiro.

Já Brown et al. [41] mostraram que, na mulher, o uso individual de pornografia está negativamente associado com a sua própria satisfação sexual. Porém o uso de pornografia pela mulher associa-se positivamente com a satisfação sexual partilhada do casal.

No casamento, o estudo longitudinal de Perry [37] mostrou que, apesar de o uso frequente de pornografia no início do estudo ser um forte predictor de uma menor qualidade conjugal no final do estudo, a análise dos factores de interacção revelou que o efeito negativo só se verifica quando este uso é feito pelos homens e que, pelo contrário, mulheres que viam pornografia mais frequentemente reportaram maior qualidade conjugal do que aquelas que viam menos ou nenhuma.

Parece haver resultados contraditórios no que toca à satisfação sexual da mulher associada ao seu próprio consumo de pornografia, mas todos os resultados parecem apontar que o uso de pornografia pela mulher tem sempre algum benefício ao nível do casal, quer por aumentar a satisfação no casal, quer por aumentar a satisfação do parceiro, ou até por o seu uso corresponder muitas vezes a um uso acompanhado pelo parceiro que, como já vimos, é benéfico. Relativamente à satisfação sexual da mulher,

pode ser que esta aplique aquilo que aprendeu com o seu uso individual de pornografia para satisfazer o marido e aumentar a qualidade da relação, mas que ela própria não ache isso satisfatório (o que explicaria que o seu uso levasse a uma menor satisfação sexual na própria) [41]. Pode ser também que a sua utilização da pornografia como uma parte da relação amorosa e sexual com o parceiro explique que a mulher sacrifique a sua própria qualidade sexual em favor da qualidade da relação, que se mostra superiora.

Contexto e razões do uso pelo homem e pela mulher

Foi sugerido que o tipo de consumo da mulher e do homem seriam diferentes, ao nível de vários factores como o contexto, os motivos e a forma de utilização. Foi proposto, assim, que a utilização de pornografia pela mulher seria, na sua maioria, uma utilização baseada na relação e com o fim de ter efeitos na qualidade da mesma. Da mesma forma, a utilização de pornografia pela mulher seria mais vezes uma utilização acompanhada pelo parceiro. Já em relação ao homem, foi proposto que o seu consumo de pornografia seria, maioritariamente, individualizado, sendo a pornografia utilizada para a masturbação. Dos estudos incluídos nesta revisão, quatro avaliaram estas hipóteses para confirmar a sua veracidade.

Segundo Maddox et al. [17], os homens vêm significativamente mais pornografia sozinhos do que as mulheres (76,8% vs. 31,6%). O estudo de Morgan [33] avaliou os contextos do consumo de materiais pornográficos por homens e mulheres e revelou que, enquanto as mulheres tinham maior probabilidade de ver pornografia com um parceiro de relação, os homens tinham mais probabilidade de utilizar pornografia sozinhos, associada a masturbação e quando não estavam numa relação. Poulsen et al. [9] compararam quanta pornografia cada membro de um casal via sozinho ou acompanhado pelo parceiro e chegaram à conclusão de que os perfis de utilização do homem e da mulher são diferentes, com o homem a consumir mais sozinho e a mulher a consumir mais acompanhada. De seguida, demonstraram que o perfil de utilização de pornografia pela mulher se associa a uma maior qualidade sexual para ambos os membros do casal. Desta forma, parece implícito nestes resultados que o consumo pela mulher, feito mais frequentemente em conjunto com o parceiro e levando a resultados positivos no casal, parece basear-se e direccionar-se, de facto, para a melhor qualidade da relação de intimidade.

Para esclarecer se o uso de pornografia pela mulher seria realmente motivado por um foco na relação Bridges e Morokoff [22] estudaram a utilização de pornografia por homens e mulheres e averiguaram quais eram as razões reportadas para essa utilização. As razões reportadas foram, essencialmente, no homem, para masturbação, e, na mulher, como uma parte da relação amorosa e sexual com o parceiro. Estes resultados vêm então confirmar a hipótese das principais motivações subjacentes ao uso de pornografia por homens e mulheres.

Mediadores testados

Foram vários os estudos que testaram os mediadores que pudessem explicar a associação entre a utilização de pornografia e as consequências na relação de intimidade.

Willoughby et al. [19] mostraram que diferenças na utilização de pornografia entre os dois membros do casal se associam com uma menor satisfação relacional. De seguida, testaram os

mediadores, concluindo que a associação era mediada pelos níveis maiores de agressão relacional por parte do homem, pelo menor desejo sexual por parte da mulher e pela menor comunicação positiva por parte dos dois. Ou seja, a influência das diferenças de utilização de pornografia na satisfação relacional do casal faz-se, provavelmente, através de alterações e disrupções nos processos de interação entre os dois membros do casal. Demonstraram ainda que a aceitação de pornografia mediava parcialmente a associação entre a diferença de utilização entre parceiros e a menor satisfação relacional, sendo que a associação continuava a existir mesmo havendo aceitação, mas quanto maior a aceitação, menor era a força da associação.

Ainda no que toca à aceitação de pornografia, Brown et al. [41] colocaram e testaram a hipótese de que o uso de pornografia é que funcionaria como mediador entre a aceitação e a satisfação sexual, o que não foi confirmada pela análise estatística do estudo. Assim, parece ser a aceitação a mediar a associação entre o uso de pornografia e a satisfação na relação (ainda que apenas parcialmente) e não o contrário.

Leonhardt e Willoughby [39] demonstraram que a relação entre o consumo de pornografia e a ansiedade relacional foi parcialmente mediada pela percepção de dependência de pornografia. Deste modo, a percepção de dependência pode ser um factor explicativo da influência que o uso de pornografia tem na ansiedade relacional, sendo que pode ser mais essa percepção de dependência do que a própria utilização de pornografia, a responsável pelos efeitos negativos ao nível da relação.

No estudo de Poulsen et al. [9], a associação entre o consumo de pornografia e a satisfação relacional foi completamente mediada pela qualidade sexual, o que sugere que mudanças no comportamento sexual influenciadas pela pornografia consumida podem ter o seu relevante impacto na própria satisfação na relação de intimidade.

Foi também sugerido, ainda que não testado, que a insatisfação com a imagem corporal sexual poderia mediar a relação entre o consumo de pornografia e dificuldades no estabelecimento ou manutenção de uma relação de intimidade [43]. Não tendo sido testada, esta seria uma investigação pertinente a fazer futuramente.

Moderadores/influenciadores da associação pornografia-relação de intimidade

Como dito anteriormente, era também objectivo desta revisão rever os factores que pudessem influenciar e moderar, de alguma forma, as associações entre o consumo de pornografia e os índices de qualidade das relações de intimidade. Neste sentido, serão revistos esses factores.

Segundo Carvalho et al. [44] não é apenas o tipo ou conteúdo do material sexual, mas também a perspectiva através da qual é processado esse estímulo que influencia a forma de resposta a material erótico. No seu estudo, fantasiar com o parceiro da relação ao ver filmes com conteúdo sexual resultou em maior excitação sexual subjectiva e num maior nível de afectos positivos do que fantasiar com outra pessoa. Isto parece então mostrar que, dependendo da forma como é utilizado o material pornográfico, as consequências que daí resultam podem também ser diferentes.

Resch e Alderson [40] propõem que a honestidade em relação ao consumo de pornografia é de considerável relevo na influência que esse consumo tem na relação. Os resultados do seu estudo

mostraram que os participantes que reportam mais honestidade são aqueles que obtêm níveis significativamente mais altos de satisfação relacional. Segundo os autores, o uso de pornografia com o conhecimento e consentimento do parceiro pode, assim, fortalecer os laços da relação, sendo de grande importância para manter a qualidade da relação quando o uso de pornografia existe.

O nível de compromisso da relação e a ocultação do uso têm também a sua influência. O estudo de Pyle e Bridges [31] averiguou factores que pudessem ter influência no modo como as consequências do uso de pornografia são percebidas e reportadas e revelou que um alto nível de compromisso e principalmente, uma elevada ocultação do uso, estão associados a uma menor satisfação relacional.

Ao nível dos casais casados, Perry e Schleifer [30] mostraram que a associação entre o uso de pornografia e a probabilidade de divórcio foi particularmente forte nos mais jovens, nos menos religiosos e naqueles que reportaram uma maior felicidade no início do casamento. Mais forte nos jovens porque estes vêem pornografia com mais frequência, porque os casais mais velhos têm menos tendência para se divorciarem e porque a perspectiva do divórcio nos mais jovens pode estar já mais normalizada e socialmente aceitável. Mais forte nos menos religiosos porque a religião pode servir como factor protector do divórcio através de mecanismos de controlo social e valores morais internalizados. Mais forte nos que se diziam mais felizes no início do casamento porque uma descoberta inesperada do uso de pornografia num casal feliz pode levar a um declínio mais marcado dessa felicidade e porque, para os menos felizes no início do casamento e, consequentemente, já algo desconectados do parceiro, pode ser que o uso de pornografia não tenha um efeito suficientemente capaz de deixar a relação pior do que já está.

Numa perspectiva inversa, o estado da relação de intimidade de um indivíduo, isto é, se o indivíduo está ou não numa relação de intimidade pode influenciar igualmente a utilização de pornografia e o seu impacto. No estudo de Wright et al. [36], o decréscimo na satisfação sexual com aumentos adicionais na frequência de consumo de pornografia é mais acentuado em pessoas fora de relações de intimidade comparando a pessoas em relações. Também Ballester-Arnal et al. [45] revelaram que ter um parceiro estável diminui a quantidade total do consumo de pornografia. Desta forma, estes resultados sugerem a ideia de que uma relação de intimidade pode ser protectora, quer do uso de pornografia, quer de consequências associadas a esse uso.

Utilização de pornografia dentro da relação de intimidade

Um estudo qualitativo [42] baseado em questões abertas sobre o uso de pornografia no contexto da relação revelou que, dentro dos temas mais frequentemente referidos nas respostas dos participantes, destacaram-se:

- Pornografia como fonte de informação e como meio de educação sexual.
- Pornografia como um apoio à experimentação sexual.
- Pornografia como facilitadora da comunicação sexual e honestidade entre parceiros.
- Pornografia como uma alternativa sexual ao parceiro quando os parceiros têm necessidades ou desejos sexuais incompatíveis.
- Pornografia como promotora do conforto e da auto-aceitação do comportamento sexual do utilizador e do seu corpo.

- Expectativas irrealistas acerca da aparência, do desempenho, de gostos e aversões e da disposição sexual do parceiro e do próprio utilizador.
- Diminuição do interesse em sexo com o parceiro especificamente e não uma perda de interesse geral.
- Insegurança pessoal devido ao uso próprio de pornografia, com impacto no desempenho sexual, e perda de auto-estima devido ao uso de pornografia por um parceiro.

Aceitação da pornografia na relação de intimidade

A aceitação da pornografia tem influência na determinação do consumo como acontecendo em acordo ou em violação dos limites da relação de intimidade.

Foi já discutido o estudo de Brown et al. [41] que nos revelou-nos que a aceitação de pornografia se associa a um maior uso da mesma. No entanto, associações significativas entre a aceitação de pornografia e a satisfação sexual não foram encontradas. O estudo de Willoughby et al. [19] mostrou-nos que a aceitação da pornografia diminui a força da associação entre a diferença no uso de pornografia entre membros de um casal e a menor satisfação sexual, apontando que uma aceitação do uso de pornografia parece ter um efeito protector nas consequências negativas provocadas por esse uso.

Para entender de que modo é a pornografia aceite, ou não, nas relações de intimidade estudo qualitativo de Olmstead et al. [46], baseado em testemunhos, avaliou, em jovens adultos, a aceitabilidade do uso de pornografia dentro de relações de longo prazo. A maioria dos homens (70,8%) e quase metade das mulheres (45,5%), afirmou que o uso de pornografia na relação seria aceitável em determinadas circunstâncias e que haveriam condições (referidas maioritariamente pelas mulheres) e consequências associadas a esse uso. Dos restantes participantes, mais mulheres do que homens (26,2% vs. 22,3%) afirmaram ser inaceitável o uso de pornografia por estar numa relação (algumas até considerando o uso de pornografia pelo parceiro como um acto de infidelidade) e mais mulheres do que homens (12,9% vs. 5,4%) consideraram que a pornografia era inaceitável em qualquer circunstância. Um pequeno grupo constituído só por mulheres (10,4%) afirmou ser aceitável o uso de pornografia pelo parceiro, mas que elas não estariam interessadas em utilizar, considerando o uso de pornografia pelo parceiro como algo estereotipado e inevitável.

Perspectivas diferentes em relação à aceitação da pornografia podem trazer consequências para a qualidade da relação, principalmente nos casos em que um dos parceiros vê o uso de pornografia como inaceitável ou como equivalente a infidelidade. Deste modo, importa perspectivar sempre a aceitação de pornografia dentro do casal consumidor quando se pretende avaliar as suas consequências.

Pornografia e dificuldade em formar relações

O consumo de pornografia pode também ter impacto nas relações de intimidade ao dificultar a procura e estabelecimento de uma relação.

O estudo de Cranney [43], já discutido nesta revisão, encontrou uma associação entre a insatisfação com a imagem corporal sexual (tamanho do pénis), e o uso de pornografia. Estando esta

insatisfação associada a uma menor auto-confiança sexual, levando a dificuldades no estabelecimento ou manutenção de uma relação de intimidade, percebe-se aqui o impacto da pornografia.

Um estudo em particular avaliou o uso de pornografia e a dificuldade em formar relações de intimidade. Este trabalho [38] revelou que o maior craving por pornografia e o maior consumo de pornografia predizem significativamente mais dificuldades na formação de relações de intimidade e que, por sua vez, o sexo (masculino) e uma maior dificuldade na intimidade predizem significativamente o maior uso de pornografia. Segundo os autores, a dificuldade no estabelecimento de relações de intimidade surge do facto de a pornografia se mostrar como uma alternativa fácil a um parceiro real, permitindo também que aqueles que têm dificuldades em criar laços vincutativos formem relacionamentos virtuais onde a ansiedade do desempenho não é um problema. O facto de uma dificuldade na formação de relações de intimidade predizer também um maior uso de pornografia pode sugerir que se forma aqui um potencial ciclo vicioso.

Pornografia e religião na relação de intimidade

Seguem-se dois trabalhos que estudaram as relações do uso de pornografia e religião no contexto do casal.

Perry [47] avaliou a relação entre a religiosidade do parceiro de um indivíduo e a utilização de pornografia por parte desse mesmo indivíduo e demonstrou que a religiosidade do parceiro tem uma associação forte e negativa com a utilização de pornografia por parte do indivíduo e uma menor utilização de pornografia associou-se positivamente com a satisfação sexual. A associação entre a religiosidade do parceiro e o uso de pornografia foi completamente mediada pela participação frequente do casal em actividades religiosas e vincutativas em conjunto. Assim, uma maior intimidade religiosa e união do casal parece diminuir o interesse ou oportunidade para ver pornografia.

Leonhardt et al. [39] estudaram também a associação da religião e pornografia com a ansiedade relacional envolvendo o uso de pornografia (que, por sua vez, prediz uma relação de intimidade menos satisfatória [48]). Indivíduos mais religiosos e indivíduos que consomem mais pornografia têm níveis mais altos de ansiedade relacional, sendo que estas relações são indirectas e mediadas por uma maior percepção de dependência de pornografia. Pessoas religiosas sentem mais facilmente a percepção de dependência e, como tal, têm mais probabilidade em sofrer com a ansiedade relacional.

No entanto, o uso de pornografia tem também uma associação directa e negativa com a ansiedade relacional – segundo os autores, quem utiliza pornografia só se sentirá ansioso em relação a esse uso se sentir que tem um padrão compulsivo e disruptivo de consumo.

Pornografia e violência na relação de intimidade

A relação da pornografia com a violência é um tema não aprofundado nesta revisão, uma vez que é um tema complexo e que exigiria uma revisão mais específica da literatura. No entanto a maioria da evidência científica neste tema investigou como se relaciona a pornografia com maiores índices de violência no indivíduo, mas a evidência existente a relacionar a pornografia com a violência dentro e no

contexto de relações de intimidade estabelecidas é ainda escassa e deve ser alvo de mais pesquisa. Há dois estudos nesse âmbito que avaliam o modo como a pornografia pode levar a consequências nefastas em relações de intimidade através de uma violência provocada pelo consumo dessa pornografia.

Um estudo qualitativo [49] que realizou entrevistas detalhadas com mulheres que terminaram a relação com o parceiro com quem habitavam por causa da violência de que eram alvo, descobriu que o consumo de pornografia era um componente preponderante no problema da violência. Especificamente, mais de metade das mulheres reportaram que o uso de pornografia estava directamente envolvido em agressões sexuais por parte do parceiro.

Analisando a relação entre o uso de pornografia e a violência sexual, os autores revelaram cinco temas principais que explicam essa relação: aprendizagem sobre actos sexuais através da pornografia; imitação e comparação; introdução de outros parceiros sexuais; filmagem de relações sexuais sem consentimento; cultura da pornografia (e.g., exploração sexual e fetichismo)

Um outro estudo [50] mostrou que as mulheres que mais consumiam ficção popular erótica que retrata violência contra a mulher, tinham mais probabilidade de ter tido uma relação em que o parceiro as vitimou com violência ou perseguição e tinham mais probabilidade de ter um maior número de parceiros sexuais durante a vida.

CONCLUSÃO

A conclusão primária a estabelecer é que existe um efeito visível do consumo de pornografia em diversas características das relações de intimidade.

A teoria científica existente é ainda contraditória em aspectos vários e é potencialmente enviesada pelas diferenças nas definições utilizadas em estudos diferentes, pela utilização de metodologias que dificultam a generalização de resultados (como o recrutamento de populações de conveniência, ou o estudo do indivíduo ao invés do casal) e pelo facto de quase todos os estudos, sendo transversais, não permitirem a dedução de relações causais.

A utilização de pornografia parece ser mais deletéria para as relações de intimidade à medida que a sua frequência aumenta, com elevadas frequências a associarem-se a menor satisfação relacional e sexual [31-33], menor qualidade conjugal [37], maior percepção de dependência [39] e maior dificuldade na formação de uma relação de intimidade [38].

O uso de pornografia pelo casal mostra-se menos prejudicial, ou até benéfico, sendo que o uso em conjunto pelos dois os membros do casal, comparado ao uso individual, se associa a maior satisfação relacional, maior satisfação sexual, maior dedicação e intimidade e melhor comunicação [17, 21, 22, 32].

O consumo solitário de pornografia, no geral, parece ser mais prejudicial do que benéfico, associando-se a menor satisfação relacional e sexual, menor intimidade e nível de compromisso na relação, menor comunicação e dedicação, quando comparado à ausência de consumo [17, 32]. Contudo, o consumo solitário é mais deletério quando praticado pelo homem [9, 22, 41], o que parece dever-se ao facto de o homem dedicar essencialmente esse consumo à masturbação [22]. O uso de pornografia pelo homem é também mais frequente, sendo a frequência de consumo ela própria mais prejudicial [17, 22, 42]. Já o consumo solitário pela mulher pode até ser benéfico [9, 37], o que pode ser explicado pela utilização da pornografia pela mulher mais como uma parte da relação amorosa e sexual com o parceiro [22], sendo que alguns resultados mostram que o consumo solitário da mulher, apesar de melhorar a satisfação relacional do parceiro ou do casal, pode não melhorar a sua própria satisfação [22, 41]. Corroborando esta ideia, a mulher mais frequentemente usa pornografia acompanhada do que sozinha [9, 33].

A associação entre pornografia e satisfação relacional é mediada por diversos factores, nomeadamente a aceitação da pornografia [19, 41], a percepção de dependência [39] e a qualidade sexual [9]. A influenciar essa mesma associação temos a honestidade em relação ao consumo [40], o nível de compromisso da relação e a ocultação do uso [31] e a existência ou não de fantasia com o parceiro da relação aquando do consumo [44]. Outros factores, como a religião [39, 47] e a violência [49, 50], podem influenciar e ser influenciados pelo consumo e pela a forma como esse consumo tem efeito na relação.

A limitar a validade desta revisão há que referir que nenhum artigo aqui revisto inclui homossexuais na sua população de estudo e verificar se os padrões de consumo masculino/feminino se mantêm nos casais homossexuais seria de grande importância para confirmar ou revogar os resultados desta revisão. Outra limitação importante é ao nível da causalidade das associações aqui discutidas (é o

maior consumo que causa menos satisfação relacional ou menos satisfação leva igualmente a um maior consumo?), sendo que apenas dois estudos longitudinais aqui incluídos suportam a causalidade [30, 37].

Muitos dos valores percentuais e numéricos foram omitidos nesta revisão, uma vez que muitos deles são díspares, com diferenças grandes entre si. Neste aspecto, uma meta-análise que aglomerasse os resultados de todos estes estudos seria essencial para saber, de facto, para que lado aponta a maioria deles.

Esta revisão mostra que a pornografia tem impacto na saúde da relação e, consequentemente, na saúde do indivíduo. Assim, a abordagem do consumo de pornografia pode ser importante em casos seleccionados para fazer parte da conduta terapêutica de distúrbios ao nível das relações de intimidade. Estando em grande parte esta área também por abordar na literatura científica, seria de relevo perceber esta relação no futuro.

Conflitos de interesse e financiamento

Os autores declaram não ter havido quaisquer conflitos de interesse obviáveis no decorrer da elaboração deste trabalho. Mais declaram não ter havido qualquer financiamento para o mesmo.

Bibliografia

1. Ogas, O., Gaddam, S. , *A billion wicked thoughts: what the internet tells us about sexual relationships*. 2011.
2. Cooper, A., *Sexuality and the Internet: Surfing into the New Millennium*. CyberPsychology & Behavior, 1998(1): p. 187-193.
3. Harper, C. and D.C. Hodgins, *Examining Correlates of Problematic Internet Pornography Use Among University Students*. J Behav Addict, 2016. **5**(2): p. 179-91.
4. Silver, K., *Smartphones exposing children to pornography and violence as one in five admit to viewing inappropriate material*. Daily Mail, 2012.
5. Cooper, A., Griffin-Shelley, E., *The Internet: The next sexual revolution*. Sex and the Internet: A guidebook for clinicians. New York: Brunner-Routledge., 2002.
6. Philaretou, A.G., A.Y. Mahfouz, and K.R. Allen, *Use of Internet pornography and men's well-being*. International Journal of Men's Health, 2005. **4**(2): p. 149-169.
7. S. Young, K., *Internet Addiction: A New Clinical Phenomenon and Its Consequences*. Vol. 48. 2004. 402-415.
8. Schneider, J.P., *A Qualitative Study of Cybersex Participants: Gender Differences, Recovery Issues, and Implications for Therapists*. Sexual Addiction & Compulsivity, 2000. **7**(4): p. 249-278.
9. Poulsen, F.O., D.M. Busby, and A.M. Galovan, *Pornography use: who uses it and how it is associated with couple outcomes*. J Sex Res, 2013. **50**(1): p. 72-83.
10. Döring, N.M., *The Internet's impact on sexuality: A critical review of 15years of research*. Computers in Human Behavior, 2009. **25**(5): p. 1089-1101.
11. Manning, J.C., *The Impact of Internet Pornography on Marriage and the Family: A Review of the Research*. Sexual Addiction & Compulsivity, 2006. **13**(2-3): p. 131-165.
12. Short, M.B., et al., *A review of Internet pornography use research: methodology and content from the past 10 years*. Cyberpsychol Behav Soc Netw, 2012. **15**(1): p. 13-23.
13. Bergner, R.M. and A.J. Bridges, *The Significance of Heavy Pornography Involvement for Romantic Partners: Research and Clinical Implications*. Journal of Sex & Marital Therapy, 2002. **28**(3): p. 193-206.
14. Bridges, A.J., R.M. Bergner, and M. Hesson-McInnis, *Romantic partners' use of pornography: its significance for women*. J Sex Marital Ther, 2003. **29**(1): p. 1-14.
15. Zillmann, D. and J. Bryant, *Pornography's Impact on Sexual Satisfaction*¹. Journal of Applied Social Psychology, 1988. **18**(5): p. 438-453.
16. Lambert, N.M., et al., *A Love That Doesn't Last: Pornography Consumption and Weakened Commitment to One's Romantic Partner*. Journal of Social and Clinical Psychology, 2012. **31**(4): p. 410-438.
17. Maddox, A.M., G.K. Rhoades, and H.J. Markman, *Viewing sexually-explicit materials alone or together: associations with relationship quality*. Arch Sex Behav, 2011. **40**(2): p. 441-8.
18. Stack, S., I. Wasserman, and R. Kern, *Adult Social Bonds and Use of Internet Pornography**. Social Science Quarterly, 2004. **85**(1): p. 75-88.
19. Willoughby, B.J., et al., *Differences in Pornography Use Among Couples: Associations with Satisfaction, Stability, and Relationship Processes*. Arch Sex Behav, 2016. **45**(1): p. 145-58.
20. Daneback, K., B. Traeen, and S.A. Mansson, *Use of pornography in a random sample of Norwegian heterosexual couples*. Arch Sex Behav, 2009. **38**(5): p. 746-53.
21. Grov, C., et al., *Perceived consequences of casual online sexual activities on heterosexual relationships: a u.s. Online survey*. Arch Sex Behav, 2011. **40**(2): p. 429-39.

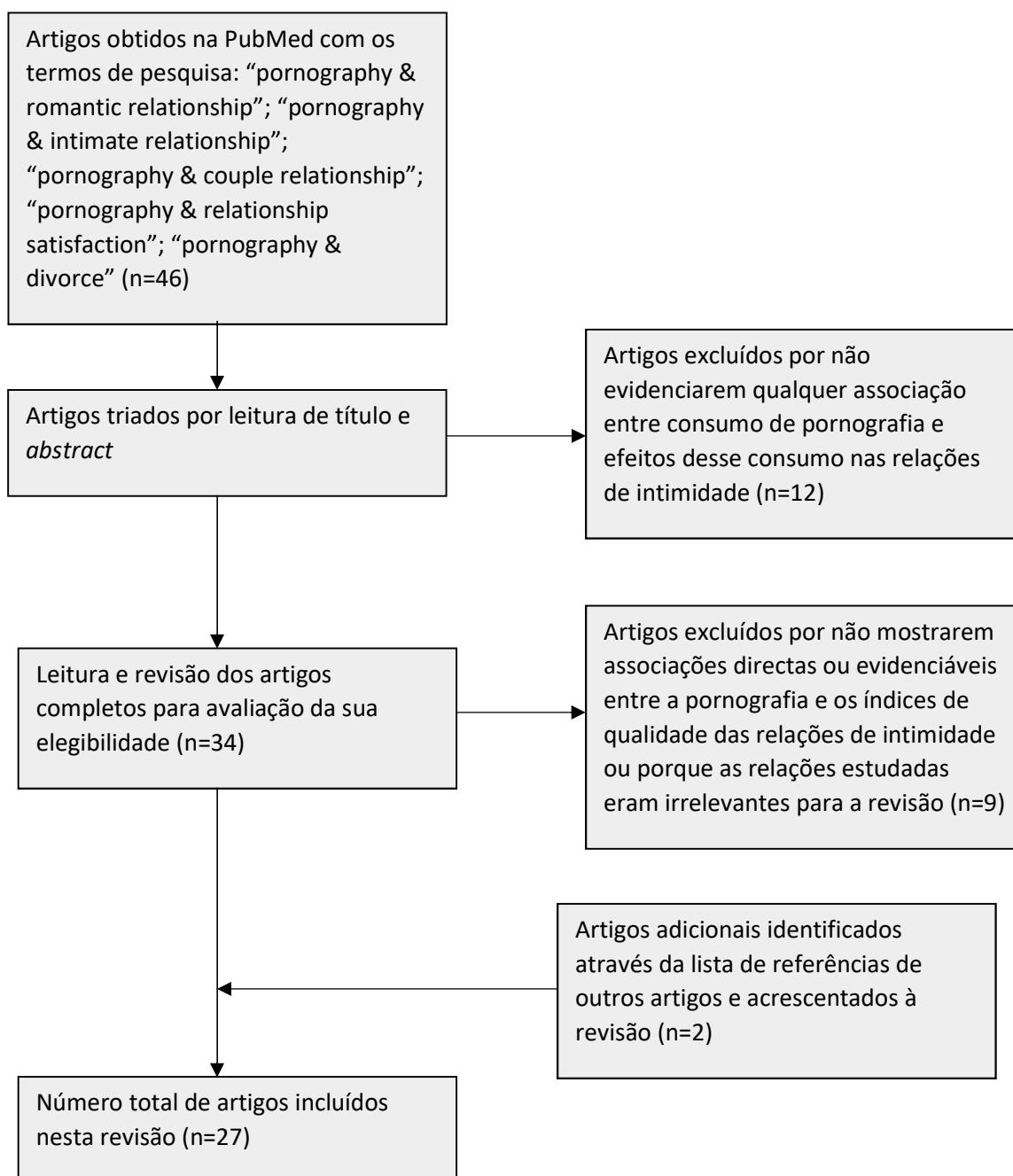
22. Bridges, A.J. and P.J. Morokoff, *Sexual media use and relational satisfaction in heterosexual couples*. Personal Relationships, 2011. **18**(4): p. 562-585.
23. Kenrick, D.T., S.E. Gutierres, and L.L. Goldberg, *Influence of popular erotica on judgments of strangers and mates*. Journal of Experimental Social Psychology, 1989. **25**(2): p. 159-167.
24. Hamann, S., *Sex differences in the responses of the human amygdala*. Neuroscientist, 2005. **11**(4): p. 288-93.
25. Hamann, S., et al., *Men and women differ in amygdala response to visual sexual stimuli*. Nat Neurosci, 2004. **7**(4): p. 411-6.
26. Senn, C.Y. and H.L. Radtke, *Women's evaluations of and affective reactions to mainstream violent pornography, nonviolent pornography, and erotica*. Violence Vict, 1990. **5**(3): p. 143-55.
27. Clements, M.L., et al., *The erosion of marital satisfaction over time and how to prevent it*, in *Satisfaction in close relationships*. 1997, Guilford Press: New York, NY, US. p. 335-355.
28. Campbell, L. and T. Kohut, *The use and effects of pornography in romantic relationships*. Curr Opin Psychol, 2017. **13**: p. 6-10.
29. Kohut, T.A., *An Empirical Investigation Of The Concept Of "Pornography"*. Univesity of Western Ontario. Electronic Thesis and Dissertation Repository. 2063., 2014.
<http://ir.lib.uwo.ca/etd/2063>.
30. Perry, S.L. and C. Schleifer, *Till Porn Do Us Part? A Longitudinal Examination of Pornography Use and Divorce*. J Sex Res, 2017: p. 1-13.
31. Pyle, T.M. and A.J. Bridges, *Perceptions of relationship satisfaction and addictive behavior: Comparing pornography and marijuana use*. J Behav Addict, 2012. **1**(4): p. 171-9.
32. Minarcik, J., C.T. Wetterneck, and M.B. Short, *The effects of sexually explicit material use on romantic relationship dynamics*. J Behav Addict, 2016. **5**(4): p. 700-707.
33. Morgan, E.M., *Associations between young adults' use of sexually explicit materials and their sexual preferences, behaviors, and satisfaction*. J Sex Res, 2011. **48**(6): p. 520-30.
34. Staley, C. and N. Prause, *Erotica viewing effects on intimate relationships and self/partner evaluations*. Arch Sex Behav, 2013. **42**(4): p. 615-24.
35. Wright, P.J., N.J. Steffen, and C. Sun, *Is the Relationship Between Pornography Consumption Frequency and Lower Sexual Satisfaction Curvilinear? Results From England and Germany*. J Sex Res, 2017: p. 1-7.
36. Wright, P.J., et al., *Personal Pornography Viewing and Sexual Satisfaction: A Quadratic Analysis*. J Sex Marital Ther, 2017: p. 0.
37. Perry, S.L., *Does Viewing Pornography Reduce Marital Quality Over Time? Evidence from Longitudinal Data*. Arch Sex Behav, 2017. **46**(2): p. 549-559.
38. Weinstein, A.M., et al., *Factors Predicting Cybersex Use and Difficulties in Forming Intimate Relationships among Male and Female Users of Cybersex*. Front Psychiatry, 2015. **6**: p. 54.
39. Leonhardt, N.D., B.J. Willoughby, and B. Young-Petersen, *Damaged Goods: Perception of Pornography Addiction as a Mediator Between Religiosity and Relationship Anxiety Surrounding Pornography Use*. J Sex Res, 2017: p. 1-12.
40. Resch, M.N. and K.G. Alderson, *Female partners of men who use pornography: are honesty and mutual use associated with relationship satisfaction?* J Sex Marital Ther, 2014. **40**(5): p. 410-24.
41. Brown, C.C., et al., *A Common-Fate Analysis of Pornography Acceptance, Use, and Sexual Satisfaction Among Heterosexual Married Couples*. Arch Sex Behav, 2017. **46**(2): p. 575-584.
42. Kohut, T., W.A. Fisher, and L. Campbell, *Perceived Effects of Pornography on the Couple Relationship: Initial Findings of Open-Ended, Participant-Informed, "Bottom-Up" Research*. Arch Sex Behav, 2017. **46**(2): p. 585-602.
43. Cranney, S., *Internet Pornography Use and Sexual Body Image in a Dutch Sample*. Int J Sex Health, 2015. **27**(3): p. 316-323.

44. Carvalho, J., et al., *Gender differences in sexual arousal and affective responses to erotica: the effects of type of film and fantasy instructions*. Arch Sex Behav, 2013. **42**(6): p. 1011-9.
45. Ballester-Arnal, R., et al., *Relationship status as an influence on cybersex activity: cybersex, youth, and steady partner*. J Sex Marital Ther, 2014. **40**(5): p. 444-56.
46. Olmstead, S.B., et al., *Emerging adults' expectations for pornography use in the context of future committed romantic relationships: a qualitative study*. Arch Sex Behav, 2013. **42**(4): p. 625-35.
47. Perry, S.L., *Spousal Religiosity, Religious Bonding, and Pornography Consumption*. Arch Sex Behav, 2017. **46**(2): p. 561-574.
48. Riggio, H.R., *Parental marital conflict and divorce, parent-child relationships, social support, and relationship anxiety in young adulthood*. Personal Relationships, 2004. **11**(1): p. 99-114.
49. DeKeseredy, W.S. and A. Hall-Sanchez, *Adult Pornography and Violence Against Women in the Heartland: Results From a Rural Southeast Ohio Study*. Violence Against Women, 2016.
50. Bonomi, A.E., et al., *Fiction or not? Fifty Shades is associated with health risks in adolescent and young adult females*. J Womens Health (Larchmt), 2014. **23**(9): p. 720-8.

ANEXOS

Figuras:

Figura 1 – Fluxograma do processo de selecção dos estudos a incluídos nesta revisão teórica.



Normas da Revista a que se destina a Monografia:

Instruções aos autores da Revista de Psiquiatria do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa:

1. A revista de Psiquiatria está receptiva a qualquer colaboração que lhe seja proposta não garantindo, contudo, a publicação de todos os artigos que lhe sejam enviados. Após recepção, o artigo será avaliado pelo conselho de redação, que apreciará se este se enquadra na política editorial e áreas de interesse da revista. Em caso de aceitação, o trabalho será anonimizado e enviado para avaliação pelos revisores. Após a revisão o artigo poderá:

- a) ser recusado;
- b) ser publicado após correcções propôstas pelos revisores;
- c) ser publicado sem modificações.

O motivo da recusa e pareceres dos revisores ou do conselho de redação serão comunicados aos autores.

2. Os artigos publicados ficarão propriedade conjunta da Revista de Psiquiatria e dos autores. A sua reprodução parcial ou total só pode ser feita com indicação expressa do nome da revista e da referência que nela o identifiquem.

3. Os manuscritos deverão ser submetidos por via electrónica, em formato Microsoft Word (sem notas de rodapé), enviando o trabalho para revpsiqchpl@gmail.com.

4. A revista segue os critérios de autoria do International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE) , a consultar para os casos não previstos no presente texto (www.icmje.org).

5 - Na primeira página/página de título deverá constar:

- a) título em português e inglês, conciso e descritivo;
- b) na linha da autoria, o nome de todos os autores (primeiro e último nome) com os títulos académicos e/ou profissionais e respectiva afiliação (departamento, instituição, cidade, país)
- c) morada e e-mail do autor responsável pela correspondência relativa ao manuscrito;

6 - Na segunda página deverá constar:

- a) título (sem autores);
- b) resumo em português e inglês;

7 - Nenhuma informação que não conste no manuscrito pode ser mencionada no resumo. Os resumos não podem remeter para o texto, não podendo conter citações nem referências a figuras.

8 - A Revista de Psiquiatria não usa palavras-chave.

9 - Os artigos científicos deverão ser estruturados segundo a sequência: introdução, objectivos, material e métodos, resultados, discussão e conclusão, seguindo-se uma lista de referências bibliográficas, declaração de conflitos de interesse e de financiamento. A existirem, os agradecimentos devem ser colocados antes da bibliografia.

10 - Os artigos de carácter não científico não estão obrigados a esta estrutura. Contudo, deverão, caso se aplique, seguir-se de lista de referências bibliográficas, declaração de conflitos de interesse e de financiamento. A existirem, os agradecimentos devem ser colocados antes da bibliografia.

11 - Cada tabela deve ser enviada em folha separada. As tabelas devem ser numeradas consecutivamente, em numeração árabe, na ordem que foram citadas no texto e encabeçadas por um título apropriado. Devem ser citadas no texto, sem duplicação de informação. As tabelas, com seus títulos e rodapés, devem ser auto-explicativas. Tabelas provenientes de outras fontes devem citar as referências originais no rodapé.

12 - As ilustrações (fotografias, gráficos, etc.) devem ser enviadas individualmente, em formato JPG (em alta resolução – 300 dpi). Devem ser numeradas consecutivamente em numeração árabe, na ordem em que foram citadas no texto e serem suficientemente claras para permitir sua reprodução. As legendas para as figuras deverão constar em página separada.

13 - As referências bibliográficas deverão ser numeradas de acordo com a ordem de aparecimento e com formatação sobrescrita. Na lista de referências, onde só devem constar as citadas no texto, deverão ser dispostas seguindo a mesma ordem. Devem obedecer à seguinte forma:

a) no caso de revistas: apelido e iniciais dos autores (excepto se ultrapassar 6, título do artigo, nome abreviado da publicação (conforme catálogo da NLM), ano de publicação, volume, primeira e última página do artigo;

b) no caso de livros: apelido e iniciais dos autores, título do livro, cidade e editora, ano de publicação, páginas;

c) no caso de capítulos de livros: apelidos e iniciais dos autores do capítulo ou da contribuição, título e número de capítulo, apelido e iniciais dos editores, título do livro, cidade e editora, ano de publicação, primeira e última páginas do capítulo.

Nota: A utilização (ou não) do acordo ortográfico fica ao critério do autor.